P O D C A S T

# TERRITÓRIO VIVO

UM PAPO RETO COM QUEM CONECTA A ARTE E O CORRE



## Episódio 07 - Campos Território

*<<<<< sons de ventania e assobio do vento <<<<<*

**Samara Costa:** Campos não é um lugar que você atravessa sem sentir. Ele se estende como se o horizonte nunca terminasse. Aqui, o vento passa diferente dos outros lugares. Ele carrega histórias. Umas boas de se contar e outras nem tanto.

Já foi terra de açúcar, de engenho, de riqueza concentrada… e também de muita desigualdade. Campos cresceu assim: entre o luxo de poucos e a resistência de muitos. E essa tensão ainda mora nas ruas e nas margens do Rio Paraíba do Sul.

Mas se tem uma coisa que escapa de qualquer mapa é o que se cria aqui. Porque Campos também é som, humor e rima que nasce no improviso. Ela conta histórias que nem sempre foram contadas. E talvez essa seja a maior virada: um território que já foi narrado de fora… agora se narra de dentro.

Dessa vez, a gente chega em Campos dos Goytacazes pra entender como um lugar marcado por contrastes se reinventa. Como a arte vira caminho, e também trabalho.

Eu sou Samara Costa e esse o Território Vivo, um podcast Firjan SESI. E você, vem com a gente nesse corre? Campos dos Goytacazes fica no Norte Fluminense e é uma das maiores cidades do estado em extensão territorial. Muita gente conhece pelo tamanho e pela importância econômica, mas o que nem sempre aparece de primeira é a complexidade do território.

Campos cresceu muito por causa da produção de açúcar e de royalties de petróleo. Durante anos, foi um dos principais pólos canavieiros do Brasil, com grandes fazendas e concentração de renda. Isso ajudou a estruturar a cidade, mas também deixou marcas sociais que ainda são visíveis hoje, principalmente na divisão entre centro e periferias.

O Rio Paraíba do Sul corta a cidade e organiza muita coisa ao redor dele. É tipo uma linha bem visível que conecta, mas também evidencia diferenças. No meio disso tudo, a cidade vai se reinventando. Hoje tem universidades, espaços culturais, produção independente e uma juventude que tá cada vez mais criando suas próprias oportunidades, principalmente através da arte.

E é aí que entra a cena do rap. Em Campos, o rap cresce como ferramenta de expressão e também de denúncia. Batalhas de rima e artistas independentes vem fortalecendo uma cena que fala direto da realidade local.

> **Zabu:** O nome verdadeiro é Igor, mas eu sou conhecido como Zabu. Faço música há 13 anos e estou no rap há aproximadamente 10 anos. Sou um homem negro, estatura mediana. Uma pessoa, vamos dizer assim, com um cabelo um pouco diferente. Que tem os trejeitos um pouco



mais levados para a cultura hip hop.

**Samara Costa:** A história do Zabu começa antes mesmo do rap. Começa dentro de casa, em Campos dos Goytacazes. Foi a partir do som que já fazia parte da rotina, nos encontros de família em rodas de domingo.

> **Zabu:** Desde sempre lá em casa, meus pais sempre tiveram instrumentos de samba. E sempre nos domingos, quando eu tinha uma cervejinha, ou então comemoração mesmo, tinha lá aquela roda de samba, e ali eu já via muita coisa acontecendo. Via o pandeiro, o tantã, o cavaquinho, e ali eu já comecei a me interessar.

Mas o caminho até chegar no rap não foi assim tão direto. Teve grupo de samba, teve banda misturando rock, reggae e rap… e teve, principalmente, descoberta.

> **Zabu:** Eu fui vendo que era o amor pela música e não só pelo ritmo do samba mesmo, assim, eu fui me descobrindo como artista em outras áreas, né, fui tocando percussão, tive uma banda de rock com rap ali, com reggae, que eu só era percussionista mesmo, que eu já conhecia por causa do samba, né? E a partir dessa banda que eu comecei a ter mais vontade de cantar mesmo, de ir pra frente do palco.

**Samara Costa:** Essa travessia é importante porque ela aparece até hoje no som que ele faz. Não é só sobre o que ele canta, mas sobre como ele constrói isso. Zabu também produz as próprias músicas, cria os próprios instrumentais e carrega uma identidade muito marcada pela percussão. Herança direta lá do começo.  E no meio dessa história, tem uma memória que atravessa tudo: a avó.

> **Zabu:** Eu lembro até hoje do show de lançamento do disco dela, uma coisa na igreja, muito mais reservada. Mas foi uma coisa que até hoje me marcou muito. Lembro que ela é muito emocionada e tal. Eu acho que foi me dando essa vontade também de... Não de produzir um disco, mas de ser uma pessoa que está sendo um artista ali, não sei se trouxe atenção naquele momento, estar em cima do palco ali.

**Samara Costa:** Se antes a música entrou na vida do Zabu pela família, hoje ela também vira ferramenta de leitura do mundo. E isso aparece direto no que ele escreve.

> **Zabu:** Eu via muitas pessoas falando sobre, por exemplo, Mano Brown falava sobre Capão Redondo. Então, pô, eu já pensava que eu teria que falar sobre uma coisa sobre território. Aí eu pensava logo em escrever sobre campos.

**Samara Costa:** Essa escolha não vem do nada. Vem de referências fortes dentro do rap. Artistas que sempre falaram de onde vieram, das vivências, das ruas, das realidades. E, no caso do Zabu, isso se traduz em olhar para a própria cidade e transformar isso em narrativa. De contar sobre sua experiência dentro de Campos.

> **Zabu:** Eu falo muito sobre o que eu vejo. Sobre o território mesmo, sobre a cidade e as coisas que eu vou passando durante a vida. Eu acho que eu consegui falar muito sobre racismo nas minhas músicas, porque é um tema recorrente para a gente que é negro. Consigo falar também sobre sociedade de várias formas de pensamento. Então, acho que eu falo muito sobre o que eu consigo ver e passar, viver mesmo.



**Samara Costa:** Na música "A Sós" Zabu compartilha seu olhar. "Aprendi na pratica Cobra mata abraçando PM mata atirando, Favela morre rezando, Segue o enredo, Tô vendo quem tenta passar o pano, Não espere virar o ano pra fazer promessa, O amanhã já é hipótese".

Zabu rima de um lugar muito pessoal, mas que se conecta com muita gente que vive contextos parecidos. E quando a gente fala de cena, Campos tem uma particularidade importante: existe uma base. Um movimento que já vinha sendo construído antes e que hoje sustenta quem chega.

> **Zabu:** Então, para a gente que faz rap, a gente tem semanalmente um encontro ali, que é no Viaduto, né? No MCR, que depois do Rima Cabron, que virou a principal batalha aqui da cidade. Então, acho que apesar da dificuldade de ter uma ascensão, assim, né, de ter uma visibilidade. Pelo menos na cidade aqui, a gente é muito bem abraçado.

**Samara Costa:** As batalhas, as rodas culturais, os encontros no espaço público, tudo isso fortalece uma cena que, mesmo sendo underground, é muito ativa e presente na cidade. É ali que os artistas testam som, criam vínculo, formam público.

E mais do que isso: é ali que se constrói pertencimento. No fim, o hip-hop não entra só como estilo musical na vida do Zabu. Entra como formação.

> **Zabu:** Eu acho que eu fui educado mesmo pela cultura do hip-hop. Era uma pessoa que foi muito criada pela rua, ele mesmo, sempre era frequente a gente estar ouvindo música e as ideias mais responsáveis que a gente ouvia, literalmente mesmo, eram nas músicas. Porque nas ruas a gente realmente não vivia muita coisa boa. Mas nas músicas a gente ouvia muita coisa que a gente levava pra vida mesmo. Então, desde Racionais a SNJ, a RZO, grupos que faziam rap, Marcelo D2 também, aqui do Rio de Janeiro mesmo. Pessoas que sempre trouxeram essa reflexão nas músicas assim. Eu acho que foi me educando de uma forma que com certeza se não fosse a música rap mesmo eu não seria essa pessoa.

**Samara Costa:** Dentro desse movimento que cresce em Campos, alguns encontros acabam ampliando ainda mais o alcance dos artistas. E é aí que entram iniciativas que fortalecem essa caminhada, como os espaços culturais e projetos que viabilizam essas conexões.

Um exemplo disso é o projeto "Interior", criado pelo Zabu em parceria com o rapper Ancorano.

> **Zabu:** A gente teve a necessidade de fazer uma parada junto mesmo, de unir esses dois lados, né? Campos e Rio das Ostras. E como ele é de lá, e tem Batalha de Rima lá também, é um movimento muito forte lá, a gente conseguiu fazer essa conexão. Ficou muito legal. A gente fez um EP de 5 faixas com 5 clipes.

**Samara Costa:** O projeto também ganhou os palcos, com a realização do show "Expresso Interior" no Teatro Firjan SESI Campos dos Goytacazes, ampliando o alcance do trabalho para novos públicos. O palco da Firjan SESI entra justamente como esse lugar de ponte, onde o que nasce muitas vezes no underground ganha novos públicos e novas possibilidades.

**Samara Costa:** Quando o Zabu fala sobre esse momento, não é só sobre um show.

> **Zabu:** Eu nunca imaginei estar vendo cantar num teatro, assim, e poder trazer o Expresso Interior, assim, que era um trabalho, um projeto que reunia eu, o Ancorano e mais alguns MCs



aqui da cidade. Conseguimos trazer o hip-hop pra dentro do teatro mesmo. Conseguimos botar uma galera aqui dentro do teatro que nunca nem tinha vindo aqui ou que nunca nem tinha ido a algum teatro mesmo na vida, assim.

**Samara Costa:** Esse movimento muda a relação com o espaço. O público não é só espectador, ele passa a fazer parte daquele ambiente, a se reconhecer ali. E isso também é formação de plateia, é transformação cultural na prática. Tem um outro ponto que o próprio Zabu destaca: a estrutura.

**Zabu:** Além também da estrutura linda que tem. Eu nunca tinha tido fotos tão boas como aquelas que eu tirei daqui. Coisas de detalhes mesmo, tipo o microfone perfeito, o som. Porque geralmente a gente faz o show na rua aquelas paradas mais underground. Então acho que foi um lugar que a gente fez também um audiovisual disso tudo. A gente filmou todo o show, depois vimos isso várias e várias vezes. Foi um ponto que eu falei, pô cara isso aqui foi especial.

**Samara Costa:** Quando o papo  chega no futuro, Zabu não fala de algo distante. Fala de construção e ritmo.  Do que ele já vem fazendo agora e do que isso pode deixar pra frente.

**Zabu:** Eu pretendo muito deixar as minhas músicas mesmo, assim. Eu acho que essa vontade de fazer uma parada totalmente independente, seja qual for o recurso mesmo que você tiver. É você botar a mão na massa mesmo e, sei lá, transformar o seu sonho em realidade mesmo, assim.

**Samara Costa:** Mas, Zabu sabe que o seu legado não é só individual. Ele também passa pela construção coletiva.

**Zabu:** Eu sempre fiz muita colaboração, eu tenho uma gravadora que é uma marca também chamada Imundo. E nela eu chamo muita pessoa pra fazer colaboração mesmo. Assim, beatmakers pra poder me produzir ou eu produzir coisas pra eles ali e tal, essas parcerias… Eu acho que isso aí acaba fomentando também o trabalho dos caras e fazendo um ciclo ali mais justo ali no hip hop daquela cidade.

**Samara Costa:** Seja através de parcerias, da gravadora independente ou das trocas com outros artistas, existe uma preocupação em fortalecer a cena como um todo. E tem um ponto que atravessa tudo isso: território.

**Zabu:** É deixar esse gostinho de, "pô, eu tenho orgulho daqui, tá ligado?". Por mais que um dia eu possa sair daqui ou não, tipo, deixar esse orgulho mesmo de estar fazendo essa arte aqui. Falei sobre isso, mostrei isso e quero mostrar muito mais, tá ligado?

**Samara Costa:** Um orgulho que não ignora as faltas, mas escolhe olhar também para que existe em Campos. Para o que é criado e que insiste em nascer entre rimas e flows.

**Jorge Hissa:** Eu tenho 30 anos. Eu fiz 30 anos esse ano, eu tô nervoso com isso. E eu sou fisicamente, eu sou um gostoso, muito forte. Mentira, eu sou um menino alto, eu tenho 1,80m, cabelo cacheado, grande, cabelo preto.

**Samara Costa:** Esse é o Jorge Hissa. Dono de um humor único que acompanha ele desde a infância, no interior de Campos dos Goytacazes. Pra ele, esse processo de se entender artista não veio como um estalo. Não teve um momento claro, uma decisão do tipo "é isso que eu quero ser".



Foi acontecendo. De forma leve, quase sem anúncio. Ele cresceu num contexto privilegiado onde pôde experimentar. Fez cursos, viajou, testou caminhos. Os pais que incentivaram, que abriam espaço e já enxergavam ali algo que ainda estava se formando.

E esse "algo" apareceu cedo. Lá pelos oito, nove anos, ele já encenava sem saber que era cena.

> **Jorge Hissa:** Quando eu era novinho, uns oito, nove anos, eu ficava imitando o Mr. Bean. Eu amava o Mr. Bean. E aí eu ficava imitando, eu ficava fazendo os movimentos dele para a família. E aí, por eu sempre me interessar por essas coisas e ficar também imitando, ficar fazendo as ceninhas, acho que a família sempre percebeu que eu tinha alguma coisa ali.

**Samara Costa:** Ao mesmo tempo, tinha outra camada. Ele era uma criança muito sensível e introspectiva. E isso colocava ele num lugar difícil. Na escola, Jorge passou por episódios de bullying. E, dentro da própria dinâmica familiar, ele acabava ocupando esse lugar de quem absorve, de quem vira o "problema" da situação.

Mas no final da adolescência, no meio disso tudo, começa a surgir também um desejo: o de não caber naquele molde.Jorge sentia um certo desencaixe com o lugar e as pessoas com quem trocava. Esse processo não foi confortável. Foi de confronto com os comportamentos e ideias do ambiente que ele estava inserido.

Com isso veio também uma necessidade de mudança mais concreta. De romper com algumas relações, com certos espaços que já não faziam mais sentido.

> **Jorge Hissa:** Eu vim conhecer um curso aqui no Rio. Eu acho que isso ficou muito, muito, muito grande por eu querer sair daquela realidade que eu estava. Então eu fui com muita vontade, mesmo sem entender o que eu estava fazendo. Eu fui viver, graças a Deus que eu fui.

**Samara Costa:** A partir daí, o movimento é de entrega. Jorge mudou de cidade para cursar artes cênicas e se abriu para o novo, e claro, se deparou com o que significa viver no Rio.  Junto disso também vieram os atravessamentos: ansiedade, pressão e solidão. Mas também descoberta de uma parte que ele não conhecia.

> **Jorge Hissa:** Esse momento foi transformador. Foi um momento que me fez estar aqui hoje, por exemplo se eu não tivesse passado por isso de 2014 para 2015 e graças a Deus que eu tive meus pais me possibilitaram passar por isso tudo também foi a grande sorte que eu tive então não sei assim o que me levou a ser artista é exatamente mas acho que um combo de tudo isso que eu vivi sabe? Que que me fez ser quem eu sou.

**Samara Costa:** O Jorge vai percebendo, com o tempo, que partes dele estavam espalhadas. Algumas em Campos dos Goytacazes, onde ele cresceu. Outras no Rio de Janeiro, onde ele começa a se enxergar de outro jeito. Mas a consciência disso só vem depois. É no deslocamento que essas peças começam a se encaixar.

> **Jorge Hissa:** Eu fui criado e cresci num sítio até os 17 anos, que era afastado da cidade e tal. E eu acho que isso influenciou muito na minha carreira artística também, o artista dentro de mim. Porque eu vivia em volta de mato, de natureza, brincava na rua, já tinha computador, só que na minha casa a internet não chegava tão bem. Então, acho que isso também ajudou eu aproveitar mais a vida também. Soltar pipa, jogar bola.



**Samara Costa:** Esse começo, mais isolado, mais conectado com o tempo das coisas… acaba virando base. Mas tem outra influência que atravessa tudo. A mãe.

> **Jorge Hissa:** A minha mãe foi artista plástica a vida toda, só que ela nunca conseguiu se dedicar completamente a isso. Acho que muito por conta da criação. A mãe dela era uma personalidade muito forte E ela tinha três irmãos homens. E ela não teve liberdade para buscar os sonhos dela E ela fez muita coisa, ela já fez muitos quadros Ela já fez muitas bolsas, muitos armários.

**Samara Costa:** Além da referência direta da mãe, desde pequeno, Jorge circula pelos espaços da Firjan SESI. E não como ator. E sim como público, assistindo.

> **Jorge Hissa:** A minha vida toda, eu participei aqui da Firjan SESI, né? Eu sempre vim, desde novinho. Sempre tinha peças de amigos estreando em algum lugar. E eu sempre, sempre, sempre, sempre, sempre vi. E eu acho que a última vez que eu vim, eu acho que foi num festival que tinha esquetes.

**Samara Costa:** O humor acabou virando a linguagem mais conhecida no trabalho do Jorge. Mas ele faz questão de dizer que essa escolha nunca significou limitação. Muito pelo contrário. Ao longo da trajetória, ele foi entendendo o humor também como técnica e construção de personagem. Um lugar que exige muita escuta e tempo cênico.

> **Jorge Hissa:** A maioria das coisas que eu fiz foi comédia. Mas eu sinto que quando eu fizer drama vai ser um trabalho que vai ser num lugar diferente. Porque tem isso, né? Um ótimo ator de drama geralmente não é um ótimo ator de comédia. Mas um ótimo ator de comédia geralmente é um ótimo ator de drama.

**Samara Costa:** Hoje, mesmo já com trabalhos grandes como o filme "Bandidas" na Netflix, participação no Porta dos Fundos e "Detetives do Prédio Azul", na Globb, Jorge fala da própria carreira como alguém que ainda está começando. Como se cada trabalho fosse mais uma camada de descoberta artística.

> **Jorge Hissa:** Tem muita coisa ainda que eu vou fazer na minha vida. Muita coisa eu vou fazer ainda. Tô só no comecinho, tô no comecinho, no comecinho, no comecinho, fiz pouquinha coisa. Fiz três coisas. Tô nascendo ainda.

**Samara Costa:** Esse lugar de sempre ter algo novo pra criar vai criando repertório e construindo referência, mesmo que ele não perceba. Mas, quando eu pergunto do que ele mais gostava de fazer em Campos dos Goytacazes, a resposta não vem do teatro. Vem do sítio. Da sua casa.

> **Jorge Hissa:** Tudo que me vem é meu sítio, assim, que eu nasci e que eu vivi. Era andar descalço nas pedras, nas estradinhas do meu sítio. Aí cheio de boi em volta, cheio de vaquinha. Aí tinha uns boizinhos que eram amigo meu. Eu descobri que boi é tipo cachorro, eu não sabia disso. O boi tem a alegria do cachorro. Eu tinha um boizinho lá que era o Nestor. E aí sempre que eu via o Nestor eu tinha que gritar pro Nestor, e ele vinha correndo.
>
> *>>>> som de vaca mugindo <<<<*

Que nem um cachorrinho, assim. E aí ficava se esfregando, assim, que nem um cachorrinho na perna. Igual um cachorro. Era um cachorro, só que de 3 metros. E eu acho que é isso. É esse contato com os animais.



**Samara Costa:** E, no fim, tem uma coisa que atravessa tudo. Mesmo saindo de Campos, o território dele não ficou no passado. E compõe quem o Jorge é hoje. Da infância no sítio às experiências na cidade, tudo vira camada. E é daí que vem essa força: transformar o simples em algo que fica. Atravessar a dor e devolver em humor.

Assim como Zabu, Jorge também constrói a própria arte a partir das referências que atravessaram a vida dele desde cedo. Mas os caminhos dos dois mostram formas muito diferentes de chegar até a cena.

Enquanto Zabu fala de uma formação muito conectada à rua, e as trocas coletiva, Jorge relembra uma trajetória pela profissionalização no teatro.  E talvez exista justamente aí uma riqueza importante da cena cultural de Campos: artistas que surgem de lugares diferentes, mas que encontram na arte uma forma de se profissionalizar e ampliar o próprio território.

Porque, no corpo do Zabu e do Jorge, mesmo vindo de realidades completamente diferentes, o que é vivido não se perde. Se transforma. Vira rima, vira cena, vira humor. E é justamente isso que sustenta os artistas que eles se tornaram.

**Samara Costa:** E esse foi mais um corre contado a partir de Campos dos Goytacazes. Se você quiser acompanhar os bastidores, ver de perto o trabalho e conhecer melhor o Zabu  e Jorge Hissa, é só seguir a gente no Instagram @firjansesicultura. A gente se encontra no próximo episódio, ainda em Campos. Tchau!

Território Vivo é um podcast com a idealização da Gerência de Cultura e arte da Firjan Sesi.
A realização é da Firjan SESI e a produção é da Gandaia.